



Lucas Rodrigues Oliveira  
org.

educação  
DILEMAS CONTEMPORÂNEOS  
Volume XII



Pantanal Editora

2022



**Lucas Rodrigues Oliveira**  
Organizador

**Educação: dilemas contemporâneos**  
**Volume XII**



Pantanal Editora

2022

Copyright© Pantanal Editora

**Editor Chefe:** Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

**Editores Executivos:** Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

**Diagramação:** A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

### Conselho Editorial

#### Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Prof. MSc. Adriana Flávia Neu  
Prof. Dra. Allys Ferrer Dubois  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior  
Prof. MSc. Aris Verdecia Peña  
Prof. Arisleidis Chapman Verdecia  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva  
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo  
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu  
Prof. Dr. Carlos Nick  
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos  
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva  
Prof. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos  
Prof. MSc. David Chacon Alvarez  
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira  
Prof. Dra. Denise Silva Nogueira  
Prof. Dra. Dennyura Oliveira Galvão  
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins  
Prof. Dr. Fábio Steiner  
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza  
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez  
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles  
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira  
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto  
Prof. MSc. João Camilo Sevilla  
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales  
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski  
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira  
Prof. Dra. Keyla Christina Almeida Portela  
Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez  
Prof. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann  
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior  
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos  
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla  
Prof. MSc. Mary Jose Almeida Pereira  
Prof. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes  
Prof. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira  
Prof. Dra. Patrícia Maurer  
Prof. Dra. Queila Pahim da Silva  
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty  
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke  
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva  
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes  
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)  
Prof. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos  
MSc. Tayronne de Almeida Rodrigues  
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca  
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira  
Prof. Dra. Yilan Fung Boix  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

#### Instituição

OAB/PB  
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã  
UO (Cuba)  
IF SUDESTE MG  
Facultad de Medicina (Cuba)  
ISCM (Cuba)  
UFESSPA  
UEA  
UNEMAT  
UFV  
AJES  
UFGD  
UEMS  
IFPA  
UNICENTRO  
IFMT  
UFMG  
URCA  
ISEPAM-FAETEC  
IFG  
UEMS  
UFF  
(Colômbia)  
UNAM (Peru)  
IFRR  
UCG (México)  
Mun. Rio de Janeiro  
UNMSM (Peru)  
UFMT  
Mun. de Chap. do Sul  
IFPR  
Tec-NM (México)  
Consultório em Santa Maria  
UFJF  
UEG  
FAQ  
UNAM (Peru)  
SEDUC/PA  
IFB  
IFPA  
UNIPAMPA  
IFB  
UO (Cuba)  
UFMS  
UFPI  
UFG  
UEMA  
IFB  
UFPI  
FURG  
UO (Cuba)  
UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b> <b>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E24	Educação [livro eletrônico]: dilemas contemporâneos: volume XII / Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2022. 148p. : il.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-81460-40-2 DOI <a href="https://doi.org/10.46420/9786581460402">https://doi.org/10.46420/9786581460402</a>
	1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Gestão escolar. I. Oliveira, Lucas Rodrigues.
	CDD 370.1
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## **Apresentação**

Os processos educativos estão sob constante reflexão, principalmente agora, com a volta dos estudantes e profissionais da educação às aulas presenciais no Brasil – depois de quase dois anos de atividades educacionais remotas. É preciso dizer que sequelas desse período serão sentidas na educação brasileira, principalmente por conta das disparidades de condições de acesso dos estudantes aos recursos oferecidos nesse período. Nesse contexto, apresenta-se o décimo segundo volume da obra “Educação: dilemas contemporâneos”.

Formada por quinze capítulos, essa obra busca prosseguir com as discussões e reflexões acerca da educação nacional que, desde sempre, é composta por lacunas que precisam ser entendidas e preenchidas, para que todos indivíduos possam ter acesso a uma educação de qualidade, em todas as etapas e modalidades.

O primeiro capítulo trata dos jogos digitais como recurso pedagógico que podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar. O segundo capítulo abordará a questão da ludicidade na escola, mostrando como a aprendizagem significativa é relevante para os alunos e sua aprendizagem.

Há, ainda, capítulos que versarão sobre: as questões relacionadas ao ensino não presencial na durante a pandemia; as ciências naturais, na formação do professor pedagogo; a Educação do Campo e Neoliberalismo; as questões linguísticas de imigrantes; o ensino de Filosofia; as brincadeiras e cantigas na educação infantil; a formação docente e as Tics; a extensão universitária; a astronomia no ambiente escolar e hábitos midiáticos e a ressignificações de estudantes.

Os últimos capítulos dessa obra irão tratar do ensino híbrido, das relações entre saúde e educação, e, também, sobre as questões epistemológicas relacionadas à Educação Física. Como se vê, todos os textos são direcionados para questões intimamente relacionadas com o fazer pedagógico – que é algo muito complexo e essencial para o desenvolvimento dos estudantes.

**Lucas Rodrigues Oliveira**

## Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>4</b>
<b>Capítulo 1</b>	<b>6</b>
Jogos digitais: um recurso pedagógico que contribui para a fixação do conteúdo de função do 1º Grau	6
<b>Capítulo 2</b>	<b>13</b>
Ludicidade: um desafio ao docente contemporâneo	13
<b>Capítulo 3</b>	<b>24</b>
Ensino não presencial em tempos de Covid-19: sob a ótica dos estudantes do IFRR/ <i>Campus</i> Boa Vista Zona Oeste	24
<b>Capítulo 4</b>	<b>33</b>
Do pensar sobre “tudo” para o pensar as ciências naturais na formação em pedagogia	33
<b>Capítulo 5</b>	<b>44</b>
Educação do Campo e Neoliberalismo	44
<b>Capítulo 6</b>	<b>54</b>
Contato linguístico e suas interfaces existentes entre os imigrantes que chegam em Cuiabá	54
<b>Capítulo 7</b>	<b>61</b>
Técnica e estética no Ensino de Filosofia: experiências com objetos filosóficos no Ensino Médio Integrado do IFAL	61
<b>Capítulo 8</b>	<b>75</b>
A importância das brincadeiras antigas e das cantigas de roda na educação infantil	75
<b>Capítulo 9</b>	<b>79</b>
A formação docente no século XXI e as tecnologias da informação e comunicação (Tics)	79
<b>Capítulo 10</b>	<b>83</b>
Extensão universitária como ferramenta para o combate às verminoses	83
<b>Capítulo 11</b>	<b>90</b>
Uma mostra de Astronomia para o turno da noite	90
<b>Capítulo 12</b>	<b>99</b>
Hábitos midiáticos e ressignificações de estudantes da rede pública <sup>i</sup>	99
<b>Capítulo 13</b>	<b>111</b>
Práticas educacionais na perspectiva do ensino híbrido e remoto	111
<b>Capítulo 14</b>	<b>117</b>
Educação em Saúde: as práticas educativas aplicadas ao ensino de Ciências e Biologia no Brasil	117
<b>Capítulo 15</b>	<b>132</b>
Concepções epistemológicas da educação física e seu impacto na formação educacional	132
<b>Índice Remissivo</b>	<b>147</b>
<b>Sobre o organizador</b>	<b>148</b>

## Hábitos midiáticos e ressignificações de estudantes da rede pública<sup>1</sup>

Recebido em: 14/06/2022

Aceito em: 15/06/2022

 10.46420/9786581460402cap12

Camilla Rodrigues Netto da Costa Rocha<sup>1\*</sup> 

Maria Aparecida Baccega<sup>2</sup> (*post mortem*) 

### INTRODUÇÃO

Calcamos este artigo em uma das chaves de leitura que propiciam a compreensão do que é a essência do campo da comunicação/educação: a perspectiva de que os meios de comunicação passem a ocupar um espaço na realidade social de forma a disputar, em equidade de condições, a hegemonia da formação dos sentidos sociais com duas outras agências socializadoras outrora predominantes: a família e a escola. Qual o diálogo possível entre essas agências? Essa é uma das perguntas que impulsionam as reflexões do campo da comunicação/educação (Baccega, 2009).

Em retomada acerca do dialogismo e da dialética que compõem os embates travados via linguagem, no seio social, Baccega (2009) aponta o campo da comunicação/educação como lugar privilegiado para desvelar a práxis, que “desenha e redesenha os sentidos, no caminho da tradição ou da ruptura, do tradicional ou do novo, da permanência ou da mudança”.

Neste artigo, temos por objetivo investigar esse lugar privilegiado do campo da comunicação/educação na realidade social, buscando entender o espaço ocupado pelos meios de comunicação no cotidiano do público jovem<sup>3</sup>. Interessa perceber, em um primeiro momento, os hábitos midiáticos dos estudantes de escolas públicas do Ensino Médio e, posteriormente, seus usos e as apropriações quanto ao produto cultural telenovela.

Elegemos como objeto empírico para nossa análise duas telenovelas da Rede Globo: *Amor à vida*, exibida originalmente entre 20 de maio de 2013 e 31 de janeiro de 2014 (Memória Globo, 2014a), e *Em família*, exibida originalmente entre 3 de fevereiro de 2014 e 18 de julho de 2014 (Memória Globo, 2014b). Interessa-nos, em relação à primeira, a trama paralela do personagem Félix e, na segunda, a trama paralela

<sup>1</sup> Este artigo foi publicado em uma revista científica e revisado para nova publicação.

Referência: Baccega, M. A., & Rocha, C. N. C. R. (2018, janeiro/junho). Hábitos midiáticos e ressignificações de estudantes da rede pública. *Comunicação & educação*, 23(1), 39-51.

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em Administração pela Universidade Federal da Bahia e doutora em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP).

<sup>2</sup> Livre-docente em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

\* Autora correspondente: [camilla@costarocha.com.br](mailto:camilla@costarocha.com.br)

<sup>3</sup> Consideramos jovens todos aqueles com idade entre 15 e 24 anos (conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2004) e, neste artigo, limitamo-nos aos estudantes do Ensino Médio (1º e 3º anos).

da personagem Clara. Isso porque voltamos nosso olhar para as construções e ressignificações de sentidos em torno da família homoafetiva, presentes nessas narrativas a partir dos personagens eleitos. Acreditamos, com isso, responder à seguinte problemática: de que modo tanto os hábitos midiáticos quanto a recepção dos jovens podem nos indicar que os meios de comunicação disputam um espaço pela hegemonia na construção dos sentidos sociais?

Posto isso, cabe diferenciar o que, neste artigo, entendemos por consumo midiático e o que entendemos por recepção. Assim o fazemos a partir de Toaldo e Jacks (2013), cujo título do artigo datado de 2013 já deixa antever a posição das autoras nessa questão: “Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção”. É a partir dos modelos de Canclini (1993) que as autoras propõem o consumo cultural enquanto aquele que resulta das apropriações dos sujeitos em que prevalece a dimensão simbólica frente à econômica – com isso, distinguem consumo de consumo cultural.

Feita essa distinção, as autoras apresentam uma vertente do consumo cultural, introduzindo o consumo midiático em duas vertentes: uma que foca no papel da mídia sobre o consumo, funcionando, então, o aparato midiático como mediador de um consumo material, e outra que congrega o consumo ofertado pela própria mídia a partir de seus produtos midiáticos. No contexto do consumo midiático, “interessa saber o que os indivíduos consomem da mídia (meios e produtos/conteúdos), a maneira com que se apropriam dela (do que consomem – como a utilizam) e o contexto em que se envolvem com ela (lugares, maneiras, rotinas...)” (Toaldo; Jacks, 2013).

Vemos com isso que, neste artigo, tratamos do consumo midiático enquanto diagnóstico dos hábitos midiáticos dos sujeitos, e não de acordo com a primeira concepção, que lhe confere o caráter de mediação para um consumo material. Isso porque – como será detalhado na metodologia –, na etapa quantitativa da pesquisa de campo, contemplamos os conteúdos midiáticos consumidos pelos estudantes, os modos de consumo desses conteúdos e os contextos em que tal consumo se efetua (por meio do mapa de consumo cultural).

Todavia, na etapa qualitativa, o que averiguamos não foi majoritariamente o consumo midiático dos jovens, mas o envolvimento deles com as telenovelas. A dimensão do consumo midiático não envolve

a análise de respostas dos receptores aos conteúdos de um programa específico, nem as consequências desse envolvimento com tal programa ou gênero (as influências dos conteúdos midiáticos na vida dos indivíduos), o que era realizado pelos estudos dos efeitos e, atualmente, em alguma medida, pelos estudos de recepção. (Toaldo; Jacks, 2013)

Interessou-nos perceber, nesse momento, as relações estabelecidas pelos estudantes com as duas telenovelas e, a partir disso, suas interpretações e seus processos de construção de sentido de modo mais amplo do que aquele circunscrito apenas na experiência midiática em si. Enfrentamos, portanto, em um primeiro momento, o consumo midiático e, posteriormente, a recepção, pois, “no caso dos estudos de recepção, trata-se de detalhar aspectos do fenômeno midiático na dimensão de seus conteúdos, fechando

o foco de observação, o que não significa dispensar uma análise do consumo midiático” (Toaldo; Jacks, 2013).

Além disso, cabe justificar que optamos por trabalhar com jovens do Ensino Médio por encontrarmos aí uma possibilidade de investigação acerca da leitura crítica dos meios de comunicação. Já a escolha das escolas públicas justifica-se pela nossa impossibilidade de ingresso em escolas particulares. A intenção inicial da pesquisa era comparar duas escolas, uma pública e outra particular, e compreender o cenário socioeconômico de cada uma delas, bem como as percepções dos alunos em cada situação. Todavia, as aproximações com as escolas particulares se mostraram de todo frustradas<sup>4</sup>. Desse modo, fomos a duas escolas públicas: JSA, que fica localizada na Estrada Velha de Sorocaba, no bairro Granja Viana, em Cotia; e PRP, situada no bairro Chora Menino, Zona Norte da capital paulista, ambas, portanto, no estado de São Paulo. Na primeira, falamos com os alunos de duas turmas, 1º ano B e 3º ano A, enquanto na segunda conversamos com o 3º ano A, todas classes do Ensino Médio.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Uma vez em campo, adotamos como procedimentos metodológicos norteadores tanto aqueles que provêm da pesquisa quantitativa – e que possibilitaram a nossa aproximação e o conhecimento do perfil socioeconômico e dos hábitos de consumo midiático dos estudantes – quanto os da pesquisa qualitativa.

Imperam, para fins de exame desse artigo, as conclusões a que chegamos pelo emprego do mapa de consumo cultural (abordagem quantitativa), bem como pelo grupo de discussão, que prima por uma abordagem qualitativa de pesquisa. O mapa foi respondido pelos estudantes do terceiro ano. Já o grupo de discussão foi realizado com todas as turmas (duas do terceiro ano e uma do primeiro) após instar-lhes o contato com alguns trechos das telenovelas selecionadas.

Nossas análises qualitativas calcam-se na perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso de Linha Francesa (ADF). Assim, quando Bakhtin (2014) problematiza a filosofia da linguagem, ele manifesta a imbricação entre linguagem e social. Trazendo a marca do signo linguístico e ideológico pelo “horizonte social de uma época e de um grupo social determinados” (Bakhtin, 2014), o autor deixa antever como corolário a primazia do social nos processos decorrentes da linguagem. Também para Baccaga (1999), o sujeito se constitui na interação social por meio da linguagem na medida em que “cada palavra materializa a prática social do grupo ou classe social que a utiliza e que a modifica permanentemente no seu cotidiano, a partir de suas vivências”.

Assim, vislumbramos que não é possível a existência social humana sem a linguagem e, conseqüentemente, sem o discurso. Isso porque “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de

---

<sup>4</sup> Ao longo da pesquisa, tentamos quatro escolas e em todas recebemos semelhante justificativa para a recusa: a de que nossa ida interromperia o calendário de final de ano (ã época, dezembro de 2016), que possui prazos apertados em virtude do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e das provas finais. Diante de tais negativas, buscamos outras opções de escolas e conseguimos acessar duas estaduais.

sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2013). Para Orlandi, percussora dos estudos da ADF no Brasil, a “análise de discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (2013).

Em Baccega, temos que “a língua não é apenas um instrumento com a finalidade de transmitir informações. É um todo dinâmico que abarca o movimento da sociedade: por isso, é lugar de conflitos. Esses conflitos se ‘concretizam’ nos discursos” (1995). Para Bakhtin, “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (2014), o que traz a ambivalência do signo como norte para pensarmos o fato de que os sentidos sociais estão sempre em formação, ou seja, nunca completamente formados.

Daí que consideramos imperioso, se quisermos pensar a realidade, fazê-lo a partir da compreensão do que são os discursos. Para Orlandi (2013), esta é a contribuição da análise do discurso: colocar todos nós, enquanto sujeitos e pesquisadores, em estado de reflexão. Assim, neste artigo, por caminharmos rumo à compreensão do que mora na polifonia dos discursos que provêm dos alunos de JSA e PRP frente às produções midiáticas de *Em família* e *Amor à vida*, empregamos a perspectiva teórico-metodológica da ADF.

## **FILIAÇÕES TEÓRICAS: TELENVELA E CAMPO DA COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO**

Escolhemos a telenovela em virtude de sua importância advinda do fato de que sua narrativa coloca em voga um novo espaço público:

Alçada à posição de principal produto de uma indústria televisiva de grandes proporções, a novela passou a ser um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil, indo da intimidade privada aos problemas sociais. Essa capacidade *sui generis* de sintetizar o público e o privado, o político e o doméstico, a notícia e a ficção, o masculino e o feminino, está inscrita na narrativa das novelas que combina convenções formais do documentário e do melodrama televisivo. (Lopes, 2009)

Considerada transclassista por Baccega (2003), com uma “penetração intensa na sociedade brasileira devido à sua peculiar capacidade de criar e de alimentar um ‘repertório comum’” (Lopes, 2009), a telenovela está ao alcance de diversas pessoas e sua narrativa chega a muitos, sem distinção de raça, sexo ou classe social. É nessa circulação ampla que a telenovela, ao pautar importantes temáticas sociais, coloca a possibilidade do diálogo sobre os fatos ali narrados ao alcance da maioria. Então, nesse sentido, passa a nos interessar o potencial educativo da telenovela.

Ao mesclar público e privado, ou seja, ao lançar para a esfera pública dramas que antes pareciam ser tão íntimos e únicos, de modo a construir um espaço comum de identificação e projeção, a telenovela vai “sintetizar problemáticas amplas em figuras e tramas pontuais e, ao mesmo tempo, sugerir que dramas pessoais e pontuais podem vir a ter significado amplo” (Lopes, 2009). Tal identificação ressoa com o que Baccega (2003) lembra como “persuasão”, resultante da facilidade que a telenovela tem em expor conceitos e dialogar com a sociedade, constituindo-se em espaço potente para a educação.

A pesquisa que sustenta essas reflexões é proveniente de uma dissertação de mestrado (Rocha, 2017) e compreendeu nossa ida a duas escolas públicas estaduais, como já antecipado na seção introdutória, a JSA e a PRP. Recortamos algumas ponderações oriundas dessa investigação para reflexioná-las neste artigo, de maneira que, a partir de análise do consumo midiático e do discurso dos alunos, possamos ter indicativos de que os meios de comunicação disputam um espaço pela hegemonia na construção dos sentidos sociais. O foco recai, portanto, no espaço que as plataformas midiáticas ocupam na vida desses sujeitos, visando-se a qual o papel que desempenham na construção de sentidos – o que intentamos perceber a partir do debate em torno da família homoafetiva.

Tecendo algumas considerações acerca da existência do campo da comunicação/educação, sobleva como relevante perceber que, para esse campo de estudo, é fundamental ultrapassar a noção de que estudar comunicação é recair no estudo das tecnologias. Esse campo propugna com constância pelo cuidado de não reduzir, jamais, a comunicação ao aparato midiático e nem ao tecnológico.

Além disso, “este processo comunicação/educação merece o lugar de segmento prioritário das teorizações e das pesquisas no campo da comunicação, pois permite que se leve em conta, sobretudo, o papel da mídia na configuração da cultura” (Baccega, 2009). É tarefa do campo da comunicação/educação pensar a consolidada imbricação entre mídia e cultura, de modo que passam a ser contribuições relevantes para os teóricos desse campo quaisquer reflexões que se proponham a compreender o cenário contemporâneo atinente à mídia, em confluência com a cultura (e não tão e somente no dispositivo midiático).

Porém, o que nos interessa nesta reflexão é ainda outro viés, qual seja, aquele debate que advém de um dos escopos do campo da comunicação/educação: o de propor diálogo entre as várias agências de socialização – família, igreja, escola e meios de comunicação. O viés a que nos referimos é justamente a disputa pela hegemonia, por parte dessas agências socializadoras, para a formação dos sentidos sociais que atravessam e compõem os sujeitos. Isso porque é intrínseco ao debate do campo da comunicação/educação pensar sobre os meios de comunicação e suas realidades enquanto agência socializadora que disputa pela hegemonia em vista de formar sentidos sociais por meio de suas proposições discursivas, sejam elas verbais, imagéticas, sonoras ou estéticas, e é nisso que centramos nossa atenção.

## **EM CAMPO: INVESTIGAÇÕES COM OS ESTUDANTES**

Na primeira escola, JSA, ficamos com duas turmas do Ensino Médio: 1º ano B (pelo período de uma aula) e 3º ano A (pelo período de duas aulas). Na segunda, PRP, conversamos com o 3º ano A, também do Ensino Médio e ao longo de duas aulas. Por parte de nossa observação, quando da ida às duas escolas, sobleva a diferença em relação ao contexto socioeconômico. A começar pela localização, pois a PRP está inserida perto de residências que podemos afirmar serem de classe média-alta, enquanto

a JSA fica em uma região bem mais isolada do grande centro urbano e ao lado de uma comunidade (a maior parte de seus estudantes, inclusive, mora nesse local).

Na etapa quantitativa da pesquisa, buscamos nos aproximar dos estudantes dos terceiros anos das duas escolas, a fim de conhecer um pouco mais sobre o perfil desses jovens, bem como seus hábitos de consumo midiático. Para tanto, valemo-nos do mapa de consumo cultural que foi aplicado para 22 alunos da escola estadual PRP e para 19 alunos da escola estadual JSA.

Adentrando na esfera dos hábitos culturais desses jovens, a fim de investigar o que consideramos como consumo midiático, o perfil é bastante semelhante quanto à questão de assistir à televisão: a esmagadora maioria a assiste, nas duas escolas, sendo que apenas quatro alunos em cada escola informaram não o fazer. O que chamou atenção foi a frequência, uma vez que apenas metade dos alunos assiste à televisão diariamente na PRP, enquanto na JSA, apenas 36,84% a assistem todos os dias. O perfil socioeconômico se evidencia em parte na questão da TV por assinatura, pois, ao passo que 72,73% dos alunos da PRP têm o serviço, 57,89% dos alunos da JSA não o têm.

Entre os canais favoritos, o cenário se mostra bastante pulverizado, mas, ainda assim, a maior parte dos alunos assinalou a Rede Globo como o canal mais assistido. Quanto à natureza do programa a que mais assiste, a maior parte dos alunos da JSA assinalou novela e entretenimento/humor. Já na PRP, o mais assistido é esporte, seguido de novela e entretenimento/humor. A esmagadora maioria dos jovens conversa com alguém enquanto assiste à televisão (68,18% dos alunos da PRP e 64,71% dos da JSA). Dos assuntos e com quem são comentados, destacamos os seguintes depoimentos:

**PRP**

Com meus pais; sobre o que estamos assistindo.

Minha mãe; sobre situações semelhantes às que vemos na TV. Irmã; normalmente sobre o programa.

Vó e mãe; sobre o que se passa.

**JSA**

Com a minha mãe e meu irmão, sobre novelas e filmes. Sobre o que estamos assistindo; minha mãe.

Novela e com minha amiga.

Observamos uma indicação consistente da presença da família nas conversas, o que se confirma quando perguntados sobre com quem assistem à televisão: 84,21% na PRP e 52,94% na JSA responderam ser com a família. Além disso, a maior parte deles, nas duas escolas, faz outras coisas quando diante da telinha, sendo a mais apontada a utilização do celular na PRP, bem como a realização de refeições, nas duas escolas. Sobre a finalidade com que assistem à TV, os jovens informaram, em sua maioria, ser para diversão e para obtenção de informação, igualmente nas duas escolas.

Quanto a estar assistindo a alguma telenovela naquela época, a maioria dos alunos da PRP estava (59,09%), enquanto na JSA a maior parte dos alunos não estava (66,67%). Isso se justifica, provavelmente,

pelo fato de os alunos da JSA frequentarem a escola no período da noite. Entre as novelas que receberam destaque, na PRP foi *Haja coração*, enquanto na JSA foi *Malbação*.

Ainda no que se refere às telenovelas, os jovens entrevistados acreditam que elas influenciam no comportamento das pessoas – apenas quatro alunos em cada escola disseram que não –, e, quanto a serem positivas ou negativas, chamamos atenção para o fato de que nas duas escolas prevalece a percepção de que a influência é mutuamente positiva e negativa, e não uma forma ou outra. Os alunos relataram, quando respondiam ao questionário, algumas situações que presenciaram ou viveram que os levou a acreditar na influência da telenovela, tais como:

#### **PRP**

Já vi diversas discriminações com a sociedade LGBT. Sou totalmente a favor e luto pelo respeito igual de todos.

Bom, comigo aconteceu de ver fatos reais e mudei minhas atitudes e forma de pensar.

Amigos meus já foram preconceituosos por se inspirarem em um personagem de novela.

Uma novela já influenciou um amigo a “mudar” de “opção” sexual.

#### **JSA**

Para comprar coisas, influenciar as pessoas a serem consumistas, a quantidade de filhos, a forma de falar ou se expressar, por exemplo a novela *Rebeldes* tinha muitas meninas que imitavam a Alice, andam e falam, até os lacinhos que ela usava, ou a Roberta, pelas mechas coloridas.

É notável ver a influência que a mídia traz, um exemplo são milhares de mulheres que não se aceitam por não ter um pouco das suas características presentes em uma novela.

Bordões, se assisto muito começo agir, falar, igual o meu personagem favorito. Modo de falar dos atores que pega no dia a dia.

No modo de se vestir, falar etc.

Sobre as telenovelas que foram objetos de nossa pesquisa, metade dos alunos assistiram a *Amor à vida* na JSA, enquanto apenas 31,28% dos alunos da PRP afirmaram tê-la assistido. Já a respeito da telenovela *Em família*, de acordo com o assinalado no mapa de consumo cultural, a esmagadora maioria dos alunos não a assistiu, em ambas as escolas (63,64% na PRP e 88,24% na JSA). Por algumas outras perguntas do questionário, percebemos que o engajamento dos jovens com *Amor à vida* e *Em família* foi pequeno, uma vez que não comentaram nas redes, não buscaram informações sobre as telenovelas e poucos se identificaram com personagens das tramas.

Na JSA não houve, por parte dos alunos, nenhuma identificação com os personagens de *Amor à vida*, enquanto na PRP três alunos se identificaram com Félix e três com Paloma. Quanto à telenovela *Em família*, dois alunos da PRP se identificaram com Clara, um com Helena e outro com a família Vitti, enquanto na JSA os alunos não se identificaram com nenhum deles. Essa ausência de identificação assinalada pelos alunos da JSA não se confirmou quando responderam por que se identificaram, momento do questionário no qual os alunos que assinalaram pela não identificação trouxeram justificativas para a identificação com alguns personagens.

Por fim, a respeito dos dois personagens em questão neste artigo, dois alunos da PRP marcaram Clara como “poderosa” e “determinada”; sobre Félix, quatro alunos indicaram “*bot dog*” como uma palavra que associam ao personagem. Já na JSA, um aluno indicou Félix como “doido” e outro o designou como “malvado”; ninguém opinou sobre Clara quando do preenchimento do mapa cultural.

Tendo em vista tais informações, passamos à análise do material provindo da etapa qualitativa da pesquisa empírica. Interessa-nos perceber, para fim deste artigo, os sentidos que orbitam em torno da família homoafetiva, de maneira que elegemos como categoria empírica de análise a homossexualidade. Acreditamos que, assim, podemos examinar as ressignificações dos alunos a partir das proposições discursivas de uma temática cuja pauta está no embate pela formação dos sentidos sociais a partir das telenovelas.

No grupo de discussão realizado na escola JSA com os estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, percebemos uma divisão entre os alunos, alguns apoiando a homossexualidade e outros a rejeitando:

**A2:** Gostei da do homem, do casamento, do beijo dos dois. [...] Isso daí, hoje em dia, é normal.

**A3:** Hoje em dia? Onde já se viu? É normal duas mulheres, agora dois homens...

**A3:** Onde já se viu, dois homens se beijando?

**A2:** É normal, igual ver mulher.

**A4:** É tudo pecado.

**A3:** Deus já fez assim: Adão e Eva, homem e mulher, os dois fica junto, não homem com homem e mulher com mulher.

Quando Baccega (1999) afirma que o sujeito se constitui na interação social por meio da linguagem e que, “quando aprendemos uma língua, estamos apreendendo, estamos introjetando um sistema de categorias que regerão nossa percepção da realidade [...], [sendo] no interior desse sistema que os objetos, os acontecimentos, os processos terão significação” (Baccega, 1995), percebemos o quanto o sistema religioso se encontra presente na formação da visão de mundo de alguns dos estudantes, fazendo com que articulem suas percepções a partir da ótica desse sistema e não de uma construção crítica, refletida e elaborada.

O debate entre os alunos da JSA ficou bastante concentrado na questão da diferença entre os gêneros quando da consideração a respeito do tema da homossexualidade. Na turma do terceiro ano, esse conflito se fez presente na fala de mais de um aluno:

**A13:** Não, mas é sério, tipo a minha vizinha, quando eu tava assistindo à novela, fiquei sabendo por ela, que eu até comentei. Ela não ficou surpresa quando viu duas mulheres se beijando, mas quando ela viu os dois homens se beijando, ela começou a criticar.

**A8:** É porque sexualizam mais as mulheres, né? Duas mulheres se beijando, colocam na nossa cabeça que é *sexy*, é *sexy* duas mulheres se beijar entre si, principalmente pra homens. Já dois homens se beijando não é uma coisa que se vê, tipo, “ai, olha que lindo, olha que *sexy*”.

**A12:** Com o beijo deles mesmo, e com homem e homem e mulher com mulher, só que o homem tende a ser bem pior, como ela disse mesmo. Tem homens que gostam de ver mulheres se beijando, o que não é o meu caso, mas o homem beijar outro homem é bem mais marcante, bem mais chocante. Como tem homens que aparentam ser tudo másculo, e o homem mesmo é muito machista. E aí você vê dois homens se beijando, assim, é meio chocante.

O que desperta nossa atenção nesses discursos é a presença da questão do machismo. Se quando da análise do discurso o que “temos, como produto da análise, é a compreensão dos processos de produção de sentido e de constituição dos sujeitos em suas posições” (Orlandi, 2013), vemos a constituição dos sujeitos em uma posição machista quando nos deparamos com uma fala como a do aluno A12. Ou seja, a própria concepção machista de ver o mundo impede que aceitem a homossexualidade como orientação sexual. Como na colocação do aluno A8, mesmo apontando que “eles” sexualizam muito as mulheres, o aluno acaba demonstrando a presença do machismo em sua própria fala, quando traz o fato de não achar *sexy* dois homens se beijarem.

Passando ao grupo de discussão realizado na escola PRP com os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, podemos observar logo de início uma diferença quanto aos alunos da JSA. Enquanto uma parte dos jovens se mostrou favorável em relação à transmissão da temática da homossexualidade na televisão, exposta nas jornadas de Félix e Clara, outros evidenciaram sua discordância e elegeram, como cena favorita, o tapa que o pai (César) desfere no filho (Félix) em razão de sua orientação sexual.

A justificativa do aluno A20 quanto ao fato de Félix ter merecido o tapa “porque ele escolheu esse caminho que eu acho que é errado” se limita ao fato de que este pensa ser errada a homossexualidade, de modo que o tapa passa a funcionar como um corretivo, uma punição merecida que o pai confere ao filho. Enquanto isso, a aluna A19 articula a necessidade de uma desconstrução acerca de temas considerados tabus na sociedade e valoriza a evidência midiática da questão da homossexualidade. Percebemos duas instâncias discursivas, uma no aluno A20, a favor de um poder que por muito tempo coibiu a homossexualidade, colocando-a como doença por meio do discurso médico, e outro na aluna A19, que se atenta ao que Foucault (2015) assenta como percepção das manobras discursivas adotadas pelo poder hegemônico para manter a dominância. A aluna A19 prosseguiu no desenvolvimento de sua reflexão e colocou uma pergunta para a sala:

**A19:** Ninguém imagina... por exemplo, você tá assistindo à TV com o seu filho e tá passando um monte de violência e o pai aceita. Só que quando ele vê um beijo gay, eu acho que é uma desconstrução. É falar “nossa, por que ele pode assistir violência, cena de sexo e outras coisas, mas ele não pode ver um beijo gay?”.

Retomamos, nesse ponto, a questão do potencial educativo da telenovela ao dialogar, a partir de sua narrativa, com os dramas particulares de cada um. É o que percebemos nas reflexões suscitadas pelas telenovelas quando nos vemos diante das ponderações da aluna A19 e de outras, como a aluna A22 quando questiona: “E por que é certo passar uma cena de violência e uma cena de amor, não?”. Assim, Félix e Clara funcionam como uma janela que possibilita o pensamento para além do que se quer ver posto e imposto.

Por fim, A19 ainda evidenciou a relevância que confere aos meios de comunicação quando garantem visibilidade para temas que não são tão discutidos dentro das famílias:

**A19:** Eu acho que é muito difícil quebrar algumas coisas que a nossa sociedade tem. Essa desconstrução sobre a homossexualidade, sobre esses temas que não são tão discutidos dentro das famílias, eu acho que é muito bacana quando uma emissora tão importante como a Globo coloca uma coisa dessa.

Na JSA duas alunas, A19 e A23, trouxeram a relação entre mídia e família homoafetiva, afirmando a importância que veem em uma emissora “grande” como a Globo pautar uma questão que pode encorajar muitos homossexuais a formarem suas próprias famílias. Para elas, quando a homossexualidade é pautada pelos meios de comunicação, as pessoas “se inspiram, acho que elas se desprendem um pouco e se encorajam pra seguir suas vidas, serem felizes e sem pensar, sem ligar pro que os outros vão pensar” (A23).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa quantitativa, depreendemos a forte presença da televisão no cotidiano dos jovens escutados, especialmente da emissora Rede Globo. Ficou evidenciada a importância da telenovela enquanto produto cultural para esses estudantes que afirmaram preferir, da televisão, programas de entretenimento/humor, telenovela e esporte. Além disso, eles consideram que a televisão influencia as pessoas, tanto positiva quanto negativamente. Elencam, como exemplos, questões que envolvem os embates de minorias sociológicas (tal como a examinada neste artigo, da homossexualidade), o consumo e as formações identitárias. Para eles, a narrativa ficcional, ao construir seus personagens, entra em diálogo com modos de ser e de agir dos telespectadores. Retomamos, nesse aspecto, o que Kellner (2001) coloca enquanto qualidade do telespectador de “criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios”.

A partir desse levantamento quantitativo realizado nas duas escolas públicas, JSA e PRP, podemos perceber que tanto a imbricação da televisão no cotidiano dos jovens quanto a pauta que realiza, via telenovela, de uma temática tal como a da família homoafetiva garantem aos meios de comunicação um espaço de relevância no seio social e os colocam, tal como propugnado pelo campo da comunicação/educação, como agência socializadora das mais importantes na contemporaneidade. Desse modo, ao se propor pensar a realidade, o exame crítico deve, obrigatoriamente, levar em conta o aspecto comunicativo da questão suscitada.

No que concerne à etapa qualitativa da pesquisa, a análise discursiva dos resultados coletados com grupos de discussão realizados com os alunos demonstrou aspectos interessantes, entre os quais destacamos o fato de considerarem os meios de comunicação como espaço que dialoga com seus anseios e identidades. Isso é visível tanto quando a aluna A19 traz a questão da homossexualidade articulada pela

televisão – enquanto um tabu no ambiente familiar – quanto no momento em que os alunos vislumbram nos meios de comunicação um canal para autodescobertas, afirmações e construções de quem são.

Por fim, entendemos que pautar a homossexualidade na telenovela se mostrou de suma importância. Acreditamos que, especialmente no momento da articulação de uma temática contra-hegemônica, abre-se um espaço que fortalece a construção do campo da comunicação/educação com base no que este se propõe em seu essencial: compor um diálogo entre as agências socializadoras – meios de comunicação, família e escola – quando do embate delas para a construção de sentidos sociais, bem como evidenciar a relevância que os meios de comunicação têm na busca pela formação dos sentidos sociais na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baccega, M. A. (1995). *Palavra e discurso: história e literatura*. São Paulo: Ática.
- Baccega, M. A. (1999). Comunicação & Educação: do mundo editado à construção do mundo. *Comunicação e Informação*, 2(2), 176-187.
- Baccega, M. A. (2003). Narrativa ficcional de televisão: encontro com os temas sociais. *Comunicação & Educação*, 26, 7-16.
- Baccega, M. A. (2009). Comunicação/educação e a construção de uma nova variável histórica. *Comunicação & Educação*, 14(3), 19-28.
- Bakhtin, M. (2014). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Canclini, N. G. (1993). *El consumo cultural en México*. México: Grijalbo.
- Foucault, M. (2015). *A vontade de saber* (Coleção História da Sexualidade, vol. 1). São Paulo: Paz e Terra.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2004). *População jovem no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE. Recuperado de: [https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao\\_jovem\\_brasil/default.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/default.shtm).
- Kellner, D. (2001). *A cultura da mídia: estudos culturais – identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. São Paulo: Edusc.
- Lopes, M. I. V. de. (2009). Telenovela como recurso comunicativo. *Matriçes*, 3(1), 21-47.
- Memória Globo. (2014a). *Amor à vida*. Rio de Janeiro: Globo. Recuperado de: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/amor-a-vida/amor-a-vida-trama-principal.htm>.
- Memória Globo. (2014b). *Em família*. Rio de Janeiro: Globo. Recuperado de: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/emfamilia/em-familia-trama-principal.htm>.
- Orlandi, E. (2013). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

- Rocha, C. R. N. da C. (2017). *O conceito de família na telenovela: um estudo sobre sua recepção*. (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Propaganda e Marketing).
- Toaldo, M., & Jacks, N. (2013). Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. *Anais do XXII Encontro Anual da Compós*, 1-17.

**Índice Remissivo**

- B**
- BNCC, 34, 35, 36, 38  
Brincar, 15
- C**
- Contato linguístico, 55  
Covid-19, 25, 27, 28, 32  
CT&i, 35  
Cuiabá, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61  
currículo, 35, 36, 37, 38
- D**
- Desafios, 59
- E**
- Educação, 14  
Educação em Ciências, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 130  
Educação Física, 134, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 146, 147, 148  
Educação Infantil, 77  
Ensino de Filosofia, 62, 74, 75  
Escola, 81  
Extensão universitária, 85, 86
- J**
- Jogos, 6
- L**
- Ludicidade, 14
- M**
- Migração, 56, 57, 60  
modelos epistemológicos, 136, 138, 140, 146  
modelos pedagógicos, 141, 143  
Modelos Pedagógicos, 143
- N**
- Neoliberalismo, 48
- P**
- Pandemia, 26  
Parasitoses, 87  
Pesquisa em Educação, 120, 121, 125  
produção de conhecimento, 138, 143  
Professor, 14
- T**
- Tecnologias, 25, 28  
TICs, 81, 82, 83

## Sobre o organizador

  **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul.

Contato: [lucasrodrigues\\_oliveira@hotmail.com](mailto:lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com).



**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

